

O SIMBÓLICO NA ECOLOGIA DA LINGUAGEM: PROCESSO DESIGNATIVO

Dina Maria Martins Ferreira*

Resumo: O artigo visa demonstrar a relação entre as dimensões ecológicas e bustrofédicas da linguagem e como o sistema simbólico emerge dos jogos designativos. Os três pilares analíticos – ecológico, bustrofédico e simbólico – compõem uma rede, refletida no processo designativo.¹

Palavras-chave: Ecologia; bustrofédico; processo designativo.

A LINGUAGEM E SUA NATUREZA ECOLÓGICA

■ **A**o pensar no estudo dos processos designativos em linguagem, poderíamos apenas nos ater ao sentido da palavra no seu momento de uso, ou seja, o sentido atuando no instante performativo. Mas vamos nos enredar na dialética entre o sentido do instante e o seu percurso histórico em linguagem, tentando desvelar como o simbólico se estabelece no ecológico da linguagem.

O primeiro degrau está em *ler* o jogo designativo a partir da idéia de que a língua é *ecológica*.² Entende-se que a linguagem tem em sua natureza a capacidade de re-significar a cada momento de sua materialização em língua, uma vez que a linguagem não exclui significações ao longo de seu percurso no espaço-tempo histórico; ao contrário, a cada expressão significante, resíduos signi-

* Pós-doutora em Lingüística/Pragmática, pela Universidade Estadual de Campinas; doutora em Lingüística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; docente da Faculdade de Filosofia, Letras e Educação da Universidade Presbiteriana Mackenzie. E-mail: dinaferreira@terra.com.br.

1 Este estudo foi ampliado, tendo em vista uma análise da identidade feminina no discurso midiático. A versão anterior está publicada, em língua inglesa, no *Journal of Language and Linguistic*, Buckingham University.

2 Definição proposta pelo Prof. Dr. Kanavillil Rajagopalan, do IEL-Unicamp.

ficativos se processam e se re-modalizam. Seria o caso, por exemplo, da sentença “Vou assistir ao pôr-do-sol”, na qual podemos entrever a significação ptolomaica de que o Sol gira em torno da Terra e de que a Terra é o centro da galáxia, visto que o eu que fala está sentado, parado em um espaço, vendo algo se mexer diante de si – o eu é o centro em relação ao que se move.

O que se percebe nessa sentença é que, junto ao significado de assistir ao pôr-do-sol em busca de tranqüilidade após um dia estafante ou o de estar buscando no entardecer o consolo por um amor perdido, por exemplo, acham-se resíduos de outro significado, transformado; ou seja, não contestando o heliocentrismo (uma marca científica pouco discutível), a sentença traz junto ao significado de tranqüilidade ou de tristeza um sentido do passado geocêntrico, iluminista, no qual tudo gira em torno do sujeito.

O MOVIMENTO BUSTROFÉDICO DA ESCRITURA

Agrega-se à primeira etapa da tese da ecologia o movimento da escritura:³

Trata-se da escritura por sulcos. O sulco é a linha, tal como a traça o lavrador: a rota – via rupta – cortada pela relha do arado. O sulco da agricultura, também o recordamos, abre a natureza à cultura. E sabe-se também que a escritura nasce com a agricultura, que não se dá sem a sedentarização (DERRIDA, 1999, p. 351).

Derrida pleiteia para a escritura um movimento bustrofédico,⁴ isto é, um movimento contínuo, da esquerda para direita e da direita para a esquerda, como o arado do boi sulcando o campo. Sob a óptica bustrofédica da linguagem, verifica-se que nesse movimento não há interrupção, e essa continuidade permite reafirmar que a linguagem é ecológica, isto é, um processo de contínuo *re-aproveitamento* em que o vaivém do arado-linguagem produz um *des-velar* de significações.

Se o processo de cultivo é contínuo, a cada plantio linguageiro resíduos de uma antiga plantação revolvem-se para se agregar à próxima; a *terra* na qual as designações são plantadas não consegue eliminar e substituir os rastros de antigas plantações; é no revolver do arado-linguagem que *novos* grãos designativos se encontram com restos de outros grãos remodalizando-se em novos jogos. Assim, um momento histórico da linguagem não elimina o anterior e nem se exclui do posterior.

O movimento bustrofédico, concebido metaforicamente como o do arado, deixa sulcos profundos ou não, em razão do instante histórico em que são realizados os movimentos, cujas marcas culturais e significações podem ser *re-descobertas* para além do momento de sua aragem, pois, a depender da força histórica do arado, os sulcos sedimentados e cristalizados não se dissolvem tão facilmente:

Ora, como procede o lavrador? Economicamente. Chegando ao fim do sulco, ele não volta ao ponto de partida. Dá meia volta ao arado e ao boi. Depois,

3 Vale a ênfase de que estamos ponderando sobre a natureza da escritura, uma Linguagem com letra maiúscula, e não da linguagem-*phoné* (cf. DERRIDA, 1999).

4 Palavra de origem grega que significa, ao pé da letra, *volta do boi*; *bous* está para *boi* e *strophe* para *virada*; “virando de uma linha para a outra, como fazem os bois ao passar de um sulco para outro, isto é, escrevendo alternadamente da esquerda para a direita e, depois, da direita para a esquerda, maneira de escrever usada em antigas inscrições gregas” (MACHADO, 1995, p. 477).

parte novamente, em sentido inverso. Poupança de tempo. De espaço e de energia. Melhoria do rendimento e diminuição do tempo de trabalho. A escritura de volta de boi – bustrofédon (DERRIDA, 1999, p. 351-352).

A linguagem, então, pode ser configurada como um movimento que sulca seu terreno (re)semeando seus produtos de significação e deixando resíduos, pois seu caminhar é econômico e seu movimento, ininterrupto. Sulcos pressupõem marcas e traços, e ecologia tem por quesito fundamental o reaproveitamento. A partir dessa metáfora, é possível pensar que é a estrada-sulco, com suas marcas, o fazer da linguagem. O percurso da linguagem recebe adubos de forma e conteúdo a cada espaço-tempo percorrido, não se negando às especificidades socioculturais que atravessa.

SISTEMAS SIMBÓLICOS NA ESTRADA ECOLÓGICA E BUSTROFÉDICA DA LINGUAGEM

Se o caminhar da linguagem é ininterrupto, atravessa culturas revelando sistemas simbólicos que, pela própria natureza – símbolos, de significações cristalizadas, de difícil esfacelamento sociocultural –, não sofrem cortes fronteirços.

O momento de uma significação nomeada pode deixar entrever uma re-significação de um significado marcado, de um espaço-tempo. Em semiose retrospectiva, *re-colhem-se* significações de momentos históricos anteriores, que partilham propriedades sêmicas constitutivas de sistemas simbólicos atuais; e, na hipótese de uma semiose prospectiva, o movimento ecológico é o mesmo, o instante futuro re-atualiza significações, porque têm solidificações significativas de momentos designativos do agora.

O que nos interessa é mostrar, na dança ecológica e bustrofédica da linguagem, como os sistemas simbólicos emergem nos/pelos jogos designativos, que, por sua vez, configuram identidades. Junta-se aí o tripé analítico – ecológico, bustrofédico e simbólico –, cujos componentes refletem e são refletidos nos jogos designativos.

SISTEMAS SIMBÓLICOS: DURABILIDADE E EQUIVALÊNCIA DE SIGNIFICAÇÕES

Ao querer demonstrar que a ecologia da linguagem e seu percurso bustrofédico permitem que sistemas simbólicos de momentos históricos diferentes se toquem – colocando de ponta-cabeça a polaridade sincronia/diacronia –, não se está identificando essencialismo e simbolismo, pois não se nega a morfologia simbólica de cada cultura. Cada cultura é uma queda em história e, como tal, está circunscrita a um tempo e um espaço próprios. O que se está propondo é a percepção de que

os símbolos são diversamente vividos e valorizados: o produto dessas múltiplas atualizações constitui em grande parte os “estilos culturais” [...] (e) como formações históricas, essas culturas não são mais intercambiáveis; estando já constituídas em seus próprios estilos, *elas podem ser comparadas no nível das imagens e dos símbolos (ELIADE, 1996, p. 173, grifo nosso).*

O contato entre culturas pela linguagem estaria em seu caráter ecológico, que espalha resíduos de significação na estrada bustrofédica da escritura. O *encontro* de tempos culturais ratifica-se pelos resíduos no caminho ininterrupto, se levarmos em conta que símbolos são convenções muito fortes, cristalizações sociais, signos difíceis de se desmantelarem no cansaço do percurso histórico.

Na medida em que se entende símbolo como cristalização e solidificação de significado cultural, o processo de simbolização pressupõe possibilidade de estabilização de significados em detrimento dos significantes que deslizam em instantes sociais. Um exemplo auxilia nesse percurso argumentativo: *coroa* é aquilo que se coloca na cabeça de pessoas homenageadas (líderes, nobres, reis, rainhas); é um objeto que indica que quem o usa é importante; não importa se temos em vista a época dos faraós, dos césaes, da nobreza européia em séculos áureos e atuais, reis e imperadores africanos; *coroa* simboliza, desde o antes até o agora, pelo menos no mundo ocidental, realeza, isto é, o *estar-acima-de*. Os significantes mudam, mas o eixo do significado simbólico pode atravessar outros tempos e espaços porque se atém à significação *estar-acima-de*. O movimento simbólico ancora-se em formas concretas, performativos de cada época, que se expandem abstratamente em direção ao significado. Por exemplo, a coroa de louros dos césaes, a coroa de formato triangular ovalado, de ouro com pedras preciosas, da rainha Elizabeth II são morfologias específicas de coroa, mas expandem seus significados históricos em direção à significação trans-histórica *estar-acima-de*.

É nesse sentido que se entendem os resíduos de significação simbólica: duráveis ao longo das araduras da linguagem, uma vez que significações de vida cultural não são triturdadas e dissolvidas imediatamente à passagem do arado do boi. Ao contrário, nesse raciocínio metafórico, mas não menos lógico, entendem-se símbolos como resíduos duráveis de significação encravados nos sulcos, cujas marcas profundas de expansões significativas são *relembradas* em significantes adequados a seu contexto histórico; é nesse “relembrar” do universo simbólico que é possível perceber o contato entre momentos de culturas.

Junto à questão da durabilidade do significado simbólico, a própria etimologia do termo *símbolo* ratifica a natureza ecológica e bustrofédica da linguagem. O vocábulo grego *symbolon* (*de syn* = junto, com e *ballein* = atirar, lançar) tem o sentido de

“lançar com”, *arremessar ao mesmo tempo*, “*com-jogar*”. *De início, símbolo era um sinal de reconhecimento*: um objeto dividido em duas partes, cujo ajuste, confronto, permitia aos portadores de cada uma das partes se reconhecerem. O símbolo é, pois, a expressão de um conceito de equivalência (BRANDÃO, 1986, p. 38, grifo nosso).

É justamente nos jogos designativos que se estabelecem os jogos de equivalência; equivalências sêmicas que se processam entre o objeto nomeado e os valores do sistema simbólico. A nomeação provê o sistema simbólico como o significado da nomeação é provido pelo sistema simbólico. Quando se nomeia uma mulher *dama*, faz-se a relação da figura feminina *x* nomeada *dama* com os possíveis significados simbólicos instaurados e reconhecidos por equivalência com figuras femininas *y*, estratificadas no universo sociocultural. A nomeação *x* equivale a outras *y* pelo feixe sêmico – mulher fina, bonita, elegante, bem-edu-

cada, nobre,⁵ acima do padrão comum –, traços formadores de um universo simbólico habitado por femininos de múltiplas histórias.

Ao se permitir a equivalência de significado, o símbolo, vivendo nos sulcos da linguagem, não se imobiliza no tempo e espaço em que se manifesta. Sua natureza estável mais o fato de com-jogar significações em marcha bustrofédica permitem que caminhe em direção a novas histórias, sem anular as anteriores, refazendo em sua contínua aradura outros modos de existência. Os sulcos construídos em *bustrofédon* abrem janelas para o trans-histórico das simbologias. Nesse sentido, a nomeação *dama* pode habitar, por exemplo, uma mulher atual, Marisa Lula da Silva (primeira-dama do Brasil (2002-2006)), e a deusa grega Deméter, a dama do Hades. Nesse caso, a figura do sujeito habita e reformatiza o símbolo nomeado. Esse movimento da significação simbólica – ser habitada por uma figura concreta – é mais um dado para mostrar a cristalização do símbolo, porquanto a convenção significativa vai sendo ocupada por figuras. É a durabilidade do significado buscando formas para emergir, é o significado buscando significantes, enfim, o significado antecede a forma nomeada. A idéia de que o significado antecede o significante está próxima da proposta de Derrida de uma linguagem *maior*, que antecede a nossa linguagem de significantes que levam a significados, de que um jogo de significantes explode com a fixidez de significados. Não se está negando a proposta tradicional, mas excluindo-a dessa argumentação.

A natureza do símbolo foi caracterizada por dois traços, durabilidade e equivalência de significações: a durabilidade se mostra na *repetição* da significação trans-histórica; e a equivalência se apresenta na dimensão abstrata dos significados antecedendo à forma. Nenhum desses movimentos – concreto para abstrato e abstrato em busca do concreto – se faz mais relevante que outro, nenhum preexiste ao outro, pois estão em contínuo e complexo entrelaçamento. A ordenação dada ao movimento durabilidade/equivalência é um olhar analítico e não determina sua construção. Concreto e abstrato, forma e conteúdo, figura e sujeito constituem-se como fios de uma rede complexa, rede que se configura na própria tessitura de seus fios. Não existe rede sem sua fiação construtora. Suas regras? São os jogos designativos, que atuam em entrecruzamento sem fronteiras. Não há ponto de saturação na reticulação, uma vez que “é situada e sensível a fatores contingentes de coordenadas espaço-temporais que marcam sua produção [...] É dispersão e disseminação em um interminável processo” (RAJAGOPALAN, s. d., p. 3).

POLÍTICAS DA REPRESENTAÇÃO

Podemos voltar ao caso de *dama*, nomeação que atende ao seguinte sistema simbólico: mulher suave, elegante, fina. E aí se percebe que o perfil identitário “só existe quando denominado, e o mundo dos significados não é outro senão o da linguagem” (BARTHES, 1989, p. 12). Mas, se trocássemos o termo *existe* por *manifesta-se*, atenderíamos com mais maleabilidade à questão da política

5 Não está se levando em conta uma outra possibilidade de significação de *dama*; no norte do Brasil, o termo *dama* também pode indicar meretriz, prostituta, mas em uso específico, tal como no exemplo, “ela é uma mulher dama, que atende muitos homens por noite”.

da representação e não apenas à representação em si, pois essa poderia pressupor uma incursão pelo essencialismo da carga simbólica. A identidade é “um construto e não algo que se encontra por aí *in natura*” (RAJAGOPALAN, 2002, p.77), tanto que a categoria dama pode representar uma questão de política da representação do feminino, “afirmada e reivindicada” (RAJAGOPALAN, 2002, p. 86) por interesses políticos. É o caso do uso de *dama* para nomear a figura de Roseana Sarney, à época em que era pré-candidata à Presidência da República em 2000: “A *dama* da sucessão. *Filha do ex-presidente*, com *saúde frágil* e um governo bem avaliado, Roseana Sarney vira a *estrela* da corrida para o Planalto ao assumir o segundo lugar nas pesquisas eleitorais” (VEJA, 14.11.2000, p. 36, itálico acrescido). A nomeação *dama* está envolvida pelo instante político, pelos interesses que envolvem o momento histórico. Resíduos de mulher elegante, fina e bem-educada habitam o processo designativo, junto com a vontade política de mostrar que o feminino, mesmo *frágil* – como mulher, ou pela saúde –, pode ter o vigor político necessário, já que se trata da *filha de ex-presidente*. O invólucro político performatiza o simbólico a seu favor.

O perfil identitário oscila de acordo com a política de representação requerida pelo instante histórico com suas metas ideológicas e políticas. A “hibridez, a mestiçagem” (RAJAGOPALAN, 2002, p. 82) de valores culturais emergem segundo os interesses políticos e transformação histórica: “A questão da política da representação adquire suma importância, pois é através da representação que novas identidades são constantemente afirmadas e reivindicadas” (RAJAGOPALAN, 2002, p. 86).

Ratifica-se o caráter representacional de nomeações simbólicas, porquanto jogos designativos se utilizam de significações sedimentadas por valores culturais, que, por equivalência, mostram resíduos da estrada ecológico-bustrofédica. Como a natureza cristalizadora do símbolo não se fixa, uma vez que ele é instrumento performativo, constitui-se o paradoxo: o durável serve ao instante que, por sua vez, torna-se instante como nomeação para um fim, ou seja, a representação nutre-se de performativos que se mostram em representação. O sistema simbólico, indicativo de cristalizações socioculturais, não resiste ao político da linguagem, passa a ser recurso performativo de identidade. A Linguagem, mesmo manifesta no e pelo sistema simbólico, é política; é espaço no qual a identidade é constituída. Todavia, a problemática de construto identitário por jogos designativos continua para além do político, pois

a realidade é em grande medida indiferente às descrições que dela fazemos e [...] o eu humano é criado através da utilização de um vocabulário, em vez de, adequada ou inadequadamente, se exprimir através deste (RORTY, 1995, p. 90).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, R.. *Elementos de semiologia*. Trad. Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1989.
- BRANDÃO, J. de S. *Mitologia grega*. 2.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1986. v. 1.
- DERRIDA, J. *Gramatologia*. Trad. Miriam Chanidman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- ELIADE, M. *Imagens e símbolos*. Trad. Sonia Cristina Temer. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MACHADO, JOSÉ P. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1995, v. 1.

RAJAGOPALAN, K. A construção de identidades e a política de representação In: FERREIRA, L. M. A.; ORRICO, E. G. D. (Org.) *Linguagem, identidade e memória social*. Rio de Janeiro: UNI-RIO, Faperj, DP&A Editora, 2002.

_____. *The world as a stage magic realism and the politics of representation*. CNPq n° 306151/88-0). (Mimeogr). s. d.

RORTY, R. *Contingência, ironia e solidariedade*. Trad. Nuno Ferreira da Fonseca. Lisboa: Presença, 1995.

VEJA. São Paulo: Editora Abril, 14.11.2000, p. 36.

FERREIRA, D. M. M. Symbolic route in language ecology: denominative process. *Todas as Letras* (São Paulo), ano 7, n.2, p. 65-71, 2005.

Abstract: The aim of this paper is to demonstrate, in language's ecological and boustrophedonic dance, how symbolic systems emerge through denominative games, which, in turn, configure identities. This is where the three analytical pillars – the ecological, boustrophedonic and symbolic –, get together and are reflected in denominative games.

Keywords: Ecological; boustrophedonic; denominative games.